

## LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: (IN)DISPENSÁVEL? FOREIGN LANGUAGE TEXTBOOK: (IN)DISPENSABLE?

Solimar Patriota Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo apresentamos o livro didático como um gênero discursivo inserido em um contexto sócio-cultural mais amplo, o que permite seu uso em múltiplos contextos e diferentes grupos. Além disso, como um gênero secundário, ele serve aos propósitos de representação de outros gêneros discursivos variados, incorporando, modificando, reproduzindo de maneira o mais verossímil possível para facilitar o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Contudo, com as múltiplas possibilidades que as novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) têm proporcionado, questiona-se até que ponto o livro didático é (in)dispensável nas salas de aula presenciais. Desta maneira, buscamos apresentar uma reflexão acerca do uso do livro didático nas aulas de língua estrangeira.

**Palavras-chave:** livro didático; ensino de língua estrangeira; NTICs

**ABSTRACT:** This article presents the textbook as a genre embedded in a wider socio-cultural context, allowing its use in multiple contexts and different groups. Moreover, as a secondary genre, it serves the purposes of representation of various other genres, adding, modifying, reproducing in the most believable way possible these genres, in order to facilitate the foreign language teaching and learning. However, with the multiple possibilities that the new technologies of information and communication (NICTs) provide, one wonders to what extent is the textbook (in)dispensable. Thus, we present a reflection on the use of textbooks in foreign language classes.

**Keywords:** textbook; foreign language teaching ; NICTs

### INTRODUÇÃO

O livro didático tem sido objeto de debate e reflexão, havendo várias posições a respeito de seu uso. Em um extremo, há os que argumentam que o livro didático (LD) deveria ser abolido totalmente das salas de aula e os professores deveriam criar seu próprio material. Por outro lado, vemos um apego excessivo ao LD, de forma que ele passa a ser o programa da disciplina ensinada, ditando o que deve ou não constar do currículo de um curso.

Entre um e outro extremo, existem várias possibilidades. O equilíbrio entre os dois extremos – não usar o livro didático ou usá-lo como recurso soberano – torna-se fundamental.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística Aplicada (UFRJ). Professora Assistente da UNIGRANRIO. Coordenadora do Curso de Letras (UNIGRANRIO), Duque de Caxias, RJ, Brasil. spssolimar@hotmail.com

Primeiro, há que se ressaltar que não existe livro didático ideal e que ele constitui apenas *uma* ferramenta para o processo ensino-aprendizagem de qualquer disciplina, principalmente na era tecnológica na qual vivemos, em que a oferta de ferramentas *online* para a aprendizagem de língua estrangeira, em especial o inglês, é abundante e cresce a cada dia. É necessário, ainda, destacar o papel do professor, que é importante para levar os alunos a pensarem de modo crítico e dominarem os gêneros discursivos em um número cada vez mais crescente (MEURER, 2000), estando eles propostos ou não pelo LD adotado.

Enquanto o debate não chega a um consenso, livros continuam sendo publicados e utilizados em sala de aula de língua estrangeira (LE) – quer constituam material próprio da instituição ou livros adotados de diversas editoras, voltados para o ensino de LE em diferentes instituições. A maioria dos professores de LE recorre ao livro didático para organizar seu trabalho em sala de aula (TICKS, 2005, p. 16) e usá-lo como fonte principal de ideias para o ensino (D'ELY & MOTA, 2004, p. 70).

Desta forma, cabe a nós, professores, pesquisadores ou, ainda melhor, professores-pesquisadores, avaliarmos de que maneira esses livros se propõem a desenvolver no aprendiz a competência no uso da língua e, em especial, a apropriação dos diferentes gêneros discursivos necessários à comunicação em contextos específicos e reais.

Segundo Ticks (2005, p. 17), o LD ocupa papel quase institucionalizado no contexto escolar brasileiro, não podendo, portanto “ficar de fora da análise e questionamento do professor de LE”. Frequentemente observamos discussões acerca do que vem a ser um bom livro para o ensino de língua inglesa. Muitas vezes, o critério de avaliação centra-se no conteúdo gramatical ensinado – o que de modo geral pode ser interpretado pela forte presença de exercícios com ênfase gramatical. Daí, muitos livros serem considerados “fortes” ou “fracos” devido à presença ou ausência de pontos gramaticais a serem ensinados. Isto porque há ainda a crença arraigada de que conhecer as regras gramaticais é o suficiente para se falar (e escrever) bem determinado idioma, sem se levar em consideração qualquer outro aspecto necessário para levar o aluno a uma real prática discursiva na comunidade da língua estrangeira.

### **Multiplicidade de gêneros**

Para Bakhtin (2000), não nos comunicamos através de modalidades retóricas, nem mesmo através de textos em geral, mas sim através de gêneros textuais específicos. O livro

didático, neste sentido, poderia contribuir para que os mais variados gêneros praticados pelas comunidades discursivas fossem apresentados aos alunos de língua estrangeira.

Podemos acrescentar que a proposta inserida nos PCN de Língua Estrangeira, que indicam que o ensino deve basear-se em gêneros discursivos, orais ou escritos, seria um bom caminho a ser adotado pelos professores de LE. Essa adoção poderia se refletir na escolha do livro didático que seja coerente com esta abordagem de ensino, ou seja, que leve em consideração o estudo de gêneros discursivos. Uma vez que nem todos os livros didáticos são elaborados com base na perspectiva de gêneros, é de grande importância o papel crítico do professor. Caberá a ele, professor, então, fazer as adaptações necessárias para que o aprendizado da língua esteja conectado ao desenvolvimento da competência de gêneros textuais (MEURER, 2000), principalmente fazendo ponte para os diferentes gêneros, recursos e ferramentas do contexto digital.

Cabe considerar que somos nós próprios, professores, na maioria das vezes, quem escolhemos e indicamos os livros usados em sala. Participamos de lançamentos, recebemos amostras, avaliamos ‘conteúdo’, decidimos compras. E mesmo quando o poder de escolha do LD não recai sobre nós, podemos escolher o que usar em sala – enfatizando alguns pontos, selecionando ou mesmo adaptando, acrescentando e excluindo outros (LUKE, 1989; OLSON, 1989; JOHNS, 1997; HYLAND, 2000; ZILLES & SILVEIRA, 2004). Portanto, cabe a nós, em nosso papel de professores, sermos críticos em nossas escolhas e tentarmos adequá-las às propostas recentes de introdução de gêneros discursivos na sala de aula.

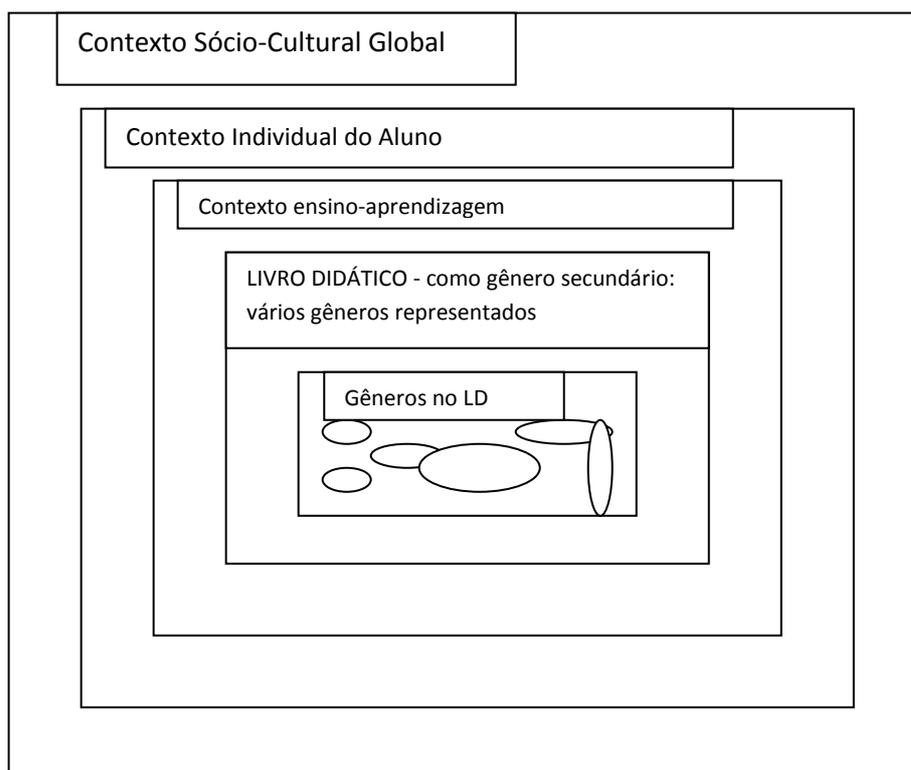
Portanto, faz-se mister que estejamos atentos a essas questões, a fim de buscarmos focar o LD criticamente, como gênero e suporte para que outros gêneros sejam representados, a fim de adequar nossa prática ao discurso da teoria quanto ao ensino com base em gêneros discursivos.

## **CARACTERÍSTICAS DO LIVRO DIDÁTICO**

O livro didático de língua estrangeira nasceu de uma necessidade social de focar o ensino da língua de forma sistematizada e colocá-lo à disposição de um maior número de pessoas (STREVEENS, 1991).

A Figura 1, a seguir, foi elaborada com o intuito de ilustrar os contextos em que o livro didático está inserido, bem como de que maneira os gêneros discursivos nele presentes estão relacionados a estes contextos:

**FIGURA 1:** *Contextualização do livro didático e os gêneros nele inseridos* (SILVA, 2006, p. 43)



O livro didático está inserido em um contexto sócio-cultural global já que é utilizado em múltiplos contextos que variam de acordo com as condições sociais e culturais de diferentes grupos. Além disso, o LD também se relaciona com o contexto individual do aluno, no seu aspecto social, ou seja, com sua inserção no mundo como indivíduo que está envolvido em diferentes práticas sociais no seu dia-a-dia. O LD está ainda relacionado com o contexto de ensino-aprendizagem; o ambiente formal de ensino, como cursos de línguas, escolas ou até mesmo aulas particulares.

Finalmente, o livro didático está relacionado ao contexto de estudos de gêneros discursivos e, na perspectiva bakhtiniana de gênero (BAKHTIN, [1979] 2000), o LD pode ser

visto como um gênero secundário. Para esse autor, os gêneros primários são aqueles usados em atividades comunicativas diárias, tais como uma conversa pessoal ou um telefonema a alguém, enquanto os secundários são removidos dos contextos de atividades nos quais os gêneros primários surgem, como é o caso dos artigos escolares e formulários escritos, por exemplo. Conforme indicado na Figura 1, acima, o livro didático incorpora e modifica outros gêneros, assim como o *romance* que reproduz vários gêneros – cartas, conversas, entrevistas, poemas, etc. A diferença é que, no livro didático, esses gêneros são utilizados de acordo com objetivos pedagógicos propostos, porém ainda buscando-se sua reconstituição de maneira o mais verossímil possível, como nas situações de uso em contextos reais.

Hyland (2000:107), atribui ao livro didático duas outras características: 1) intertextualidade – uso de outras fontes ou textos e 2) interdiscursividade – uso de elementos que carregam significados sociais e institucionais de outras comunidades. Esse caráter intertextual do livro didático de língua estrangeira é o que vai possibilitar a presença dos mais variados gêneros discursivos em cada livro. Portanto, os gêneros digitais também podem estar representados nele.

Por todas as razões acima, o livro didático ainda se constitui atualmente em rica fonte de pesquisa e análise (CHIARETTI, 1996; CORACINI, 1999; RUFINO, 2003; D'ELY & MOTA, 2004; ZILLES, 2004; CONCEIÇÃO, 2005; TICKS, 2005), visando desencadear a produção de material que, cada vez mais, atenda às exigências de um ensino voltado para a apropriação de gêneros, visto que estes são considerados como “um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (MARCUSCHI, 2002).

## **USAR OU NÃO O LIVRO DIDÁTICO?**

Embora não seja considerado obrigatório o uso do livro didático em alguns contextos de ensino-aprendizagem, em qualquer que seja a disciplina, dificilmente entramos em uma sala de aula da língua estrangeira – quer em escolas regulares, quer em cursos de idiomas, em que um livro ou partes de um livro não esteja sendo usado.

Olson (1989) afirma que, apesar de em dados momentos da evolução do pensamento sobre ensino-aprendizagem, ter havido a tentativa de se fazer com que os alunos descobrissem as verdades científicas por si mesmos, “os professores acabaram voltando à abordagem tradicional com o livro didático” (OLSON, 1989:236), afinal “desde o advento da tipografia e

o subsequente aumento da escolarização em massa, as declarações válidas da sociedade têm sido codificadas e transmitidas através de livros” (LUKE, 1989:46).

Para Lopes-Rossi (2002:21), a questão da dependência do professor em relação ao livro didático deve-se a “uma série de deficiências de formação e de infra-estrutura no país”. Cabe, ainda, acrescentar que o livro didático vem geralmente carregado de grande autoridade, de modo que as percepções dos professores tornam-se irrelevantes, além de a relação professor-autor nem sempre possibilitar uma postura crítica dos professores através de um canal direto com o autor (OLSON, 1989:240).

Devido a essa separação, “que dá a impressão de objetividade e neutralidade” (LUKE, 1989:247) ao livro didático, é que muitas vezes encontramos o livro desempenhando papel acima de qualquer crítica, sendo usado em sala de aula como material inquestionável (RUFINO, 2003:125). Em decorrência deste quadro, a maioria dos alunos identifica o livro didático com os cursos e professores, sendo os autores dos textos geralmente anônimos ou ‘ausentes’ (LUKE, 1989:257).

Assim, o livro assume importância tal que ele chega a ser ‘louvado’ (LUKE, 1989) e as pessoas, em geral, costumam caracterizar seus conhecimentos como confiáveis ou válidos por terem lido a informação citada em algum lugar (OLSON, 1989). Desta maneira, “em muitas salas de aulas, o livro didático é o recurso-chefe de leitura; a única janela para os valores e práticas de uma disciplina” (JOHNS, 1997:46).

Apesar de suas fraquezas, como, por exemplo, levar os alunos à falsa crença da neutralidade e objetividade do discurso escrito, o “livro texto é útil no que se refere a uma maneira organizada de se ver a disciplina” e é também um gênero mais familiar aos alunos (JOHNS, 1997), além de poder funcionar como um facilitador do papel do professor no ensino (HYLAND, 2000:104).

Portanto, ao invés de usarmos o livro didático sem refletir sobre a implicação de seu uso, considero que o papel dos professores deva ser crítico, para:

- a) ajudar os alunos a entenderem que, “como todos os gêneros, os livros didáticos são motivados por uma variedade de forças” (JOHNS, 1997);
- b) considerar seu caráter mais dialógico com o avaliador-leitor (nós professores) do que com o consumidor-leitor (nossos alunos) (SWALES, 1995, p.6 APUD JOHNS, 1997), no sentido de que, geralmente, cabe ao professor decidir o que utilizar, acrescentar, modificar, adaptar etc.;

- c) servir como *uma* ferramenta e não simplesmente a *única* ferramenta de ensino (OLSON, 1989);
- d) levar em consideração a realidade sócio-cultural e não meramente lingüística da língua estudada (MEURER, 2000).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos uma discussão sobre o livro didático e sua inserção no contexto ensino-aprendizagem, mostrando que o LD é um canal através do qual múltiplos gêneros discursivos podem ser levados à sala de aula. Suas características o tornam um gênero secundário através do qual uma multiplicidade de gêneros discursivos podem ser apresentados aos aprendizes de uma determinada língua.

Apesar de não dever ser considerado a única ferramenta no processo ensino-aprendizagem, o livro didático apresenta inúmeras vantagens de uso, no que se refere à organização e sistematização dos conteúdos. Todavia, um dos pontos ressaltados refere-se à necessidade de o professor, aqui neste artigo, especificamente o de língua estrangeira, exercer a criticidade ao escolher e utilizar o livro didático, bem como ao adaptar e incorporar outras ferramentas necessárias ao processo ensino-aprendizagem de cada grupo, seja em instituição de ensino particular ou pública, cursos de idiomas ou nos níveis fundamental e médio de ensino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M., Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*, São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2000, pp. 278-326.
- CHIARETTI, A. P., A performance do diálogo no livro didático de inglês. In: PAIVA, V.L.M.O. (Ed.), *O ensino de língua inglesa: reflexões e experiências*. Minas Gerais: Pontes Editores, 1996, pp. 123-136.
- CONCEIÇÃO, R.I.S. A leitura no livro Didático: uma dicotomia entre o discurso e a prática. In: *Linguagem & ensino*, Vol. 8, nº 2005, pp. 51-72.
- CORACINI, M.J. (Org.) *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. Campinas: Pontes Editora, 1999.

- D'ELY, R.C.S.F. & MOTA, M.B. A teoria, o livro didático e o professor: uma análise da implementação de tarefas orais em LE. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, Vol. 7, nº 2, 2004, pp. 65-98.
- HYLAND, K. Constructing an expert identity: interactions in textbooks. In: *Disciplinary discourses – social interactions in academic writing*. Essex, England: Longman / Pearson Education, 2000, pp.1-19.
- JOHNS, A. M. Genre and social forces – “homely” and academic texts. In *Text, role, and context – developing academic literacies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, pp. 38-50.
- LOPES-ROSSI, M. A. G. *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.
- LUKE, C. Beyond criticism: the authority of the school textbook. In CASTELL, S. & LUKE, C. (eds.) *Language, authority and criticism: readings on the school textbook*. London: The Falmer Press, 1989, pp. 245-260.
- MARCUSHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais : definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, A.P., MACHADO, A.R. & BEZERRA, M.A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*, Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2002, pp.20-35.
- MEC – *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental : língua estrangeira*. Brasília : MEC/SEF, 1997.
- MEURER, J. L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In FORTKAMP, M.B. & TOMICH, L.M.B (orgs.) *Aspectos da linguística aplicada*. São Paulo: Mercado das Letras, 2000, pp.1490-166.
- OLSON, D., On the language authority of textbooks. In CASTELL, S. & LUKE, C. (eds.) *Language, authority and criticism: readings on the school textbook*. London: The Falmer Press, 1989, pp 233-242.
- RUFINO, K.B.P.L. Humor e identidade no livro didático de língua inglesa. In: *Crop - Questões de linguagem e identidade*, nº 9, 2003, pp. 123-137.
- SILVA, Solimar P. *Os gêneros discursivos em livros didáticos de língua estrangeira: representações e implicações pedagógicas*. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, 2006.
- STREVEENS, P. Applied linguistics: an overview. In: GRABE, W. & KAPLAN, R. (Eds.), *Introduction to applied linguistics*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley, 1991, pp. 13-32.

SWALES, J. Key concepts: the concept of discourse community; the concept of genre. In \_\_\_\_\_. *Genre analysis*, Cambridge: Cambridge University Press, 1990, 21-31; 33-67.

TICKS, L.K. O livro didático sob a ótica do gênero. *Linguagem & Ensino*, Vol. 8, nº 1, 2005, pp. 15-49.

ZILLES, J. & SILVEIRA, S. As atividades de leitura e produção de texto do livro didático Headway e a sensibilização para diferentes gêneros do discurso. In SARMENTO, S. & MULLER, V. (orgs), *O ensino do inglês como língua estrangeira – estudos e reflexões*. Porto Alegre: APIRS, 2004, pp.211-227.

Recebido em: 15/02/2012

Aceito em: 18/03/2012